

**MORTE E FAMÍLIA: VÍNCULOS AFETIVOS NO ÂMBITO DOMÉSTICO
SOB ÓTICA DE SÊNECA (62 D.C.)****Death and family: affective bonds in the domestic setting from the perspective of Seneca (62 AD)****LUCIANE MUNHOZ DE OMENA***
Universidade Federal de Goiás
omena@ufg.br**DYEENMES PROCÓPIO DE CARVALHO****
Universidade Federal de Goiás
dyeenmesprocopio@discente.ufg.br

Abstract: This article aims to understand representations of death and its relations with the memory from mortuary setting and its family relationships in the philosophical *logos* of Lucius Annaeus Seneca by examining the impact representations of death in the Neron court at the time of AD 62. From there, we will make some critical reflections on the aristocratic behaviours regarding to the family and the mourning, thus, by analysing the practice of uirtus, we will understand the creation of behavioural rules to the public expression of pain and the insertion of more particular and emotional dimensions in the way they reminded of the dead from the perspective of Seneca.

Keywords: Death, affective bonds, Family and Seneca.

Resumo: Este artigo tem como objetivo compreender as práticas mortuárias e suas relações com a memória a partir da paisagem funerária e das relações familiares no logos filosófico de Lúcio Aneu Sêneca e em diálogo com os vestígios materiais.

* Professora Associada IV de História Antiga – Orcid - <https://orcid.org/0000-0003-1039-3859> - Faculdade de História e Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (UFG), Campus II - Av. Esperança, 900 - Vila Itatiaia, CEP: 74690-265, Goiânia, Goiás, Brasil. Pós-Doutora no Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (UNICAMP), sob a supervisão do Prof. Dr. Pedro P. A. Funari, contemplada com a Bolsa de Pós-Doutorado no Brasil\FAPEG-CAPES (2015-2016). Pesquisadora do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (Leir) e, atualmente, executa o projeto – Morte e Memória no Império Romano à época do Principado Romano (27 a.C. a 192 d. C.).

** Prof. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História – Orcid - <https://orcid.org/0000-0001-7442-1914>. Universidade Federal de Goiás\UFG. Universidade Federal de Goiás, Campus II - Av. Esperança, 900 - Vila Itatiaia, CEP: 74690-265, Goiânia, Goiás, Brasil. BOLSISTA CAPES. E-mail: dyeenmesprocopio@discente.ufg.br. Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Pretende-se investigar o impacto da morte na corte neroniana à época de 62 d.C. Serão traçadas reflexões acerca dos comportamentos aristocráticos em relação à família e ao luto, e, dessa forma, ao analisar a prática da *uirtus*, compreender-se-ão a criação de normas de condutas para a expressão pública da dor e a inserção de dimensões mais particulares e emocionais no modo como se lembravam dos mortos sob a perspectiva de Sêneca.

Palavras-Chave: Paisagem Mortuária, Família e Sêneca.

A sociedade romana, por meio dos sepultamentos, conferia respeito para com os mortos e à continuidade de seus nomes nos vestígios das necrópoles localizadas nas vias de acesso das cidades. Mesmo nos dias atuais, inúmeros sítios arqueológicos, como, por exemplo, em Roma, Óstia, Pompeia, entre tantos outros do Mediterrâneo romano contam com estruturas monumentais de sepulturas, nas quais os visitantes ainda podem se deleitar. Peças e fragmentos de testemunhos mortuários estão expostos em museus europeus e orientais. Por exemplo, os Museus do Capitolino, em Roma, reúnem, em suas instalações, vestígios valiosos como urnas, sarcófagos, estelas e altares funerários. Enquanto muitos deles apresentam datações e origem, porém, em outros casos, viraram peças de decoração, mal acondicionados em espaços sem visibilidade, tal como se faz, muitas vezes, em residências. Assim, mesmo tendo sido guardados por seus significados, todavia, com o transcorrer do tempo, são vistos como obsoletos, transformando-se, portanto, em objetos destinados à invisibilidade social.¹

Apesar das dificuldades no tratamento e no armazenamento de vestígios, percebe-se o quanto a morte, o morto e os rituais de sepultamentos tornaram-se relevantes, ainda hoje, os homens do passado. Segundo se propõe, a permanência deles nos sítios arqueológicos e nos museus marcam não apenas a relevância do

¹ Nesta linha, indicam-se os estudos de APPADURAI (1986), HOPE (2003 e 2011) e GUARINELLO (2011). Para finalizar, recomendam-se os estudos que problematizam as relações entre cadáveres, objetos e corpos. São eles: WILLIAMS (2004 e 2016), GRAHAN (2011), MESKEL (2014), JENKINS (2016), OMENA (2021), entre outros mais.

passado, ou seja, a consciência histórica, mas demonstram igualmente o medo e as incertezas da mortalidade. Varrão (116 – 27 a.C.) não é o único a admoestar os leitores ouvintes, a contemporaneidade também o faz (JENKINS, 2016: 251).

Se se pensar na atualidade, pode-se observar igualmente o aumento das incertezas e dos medos em relação à morte, em especial, às mudanças geradas em função da pandemia. Houve alterações de comportamentos: não se abraça entes queridos, não se vela os mortos, passa-se a usar máscaras diariamente e vive-se constantemente atrelados ao temor das contaminações e das mutações dos vírus. A COVID-19 trouxe não somente um número exorbitante de mortes, como se destacam os 613.066 mil falecimentos de brasileiros, mas também se assinalou discursos políticos contra as recomendações científicas, disputas partidárias, corrupções no sistema de saúde, em especial, a compra de vacinas contra a COVID-19 e desnudou a versão mais deplorável do Brasil: a desigualdade social. O site de notícias do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - informa que, em 2019, a pobreza e a extrema pobreza atingiram mais de 13,5 milhões de pessoas, em particular a população preta ou parda que representa 72,7% dos pobres, em números absolutos de 38,1 milhões de pessoas. Como não se teve o censo nos anos de 2020 e 2021, pode-se supor um contingente maior de brasileiros submetidos à extrema pobreza e às mortes causadas pelo atual coronavírus. O Portal da Agência do Senado, afirma, em publicação, datada do dia 13 de março de 2021:

A pandemia escancarou, mais uma vez, o péssimo quadro da desigualdade social e econômica no Brasil. Durante a primeira onda do coronavírus, no ano passado, mais de 30% dos 211,8 milhões de residentes nos 5.570 municípios brasileiros tiveram de ser socorridos na etapa inicial do auxílio de R\$ 600,00 reais, aprovado pelo Congresso, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgados em julho de 2020.²

² Para as informações acerca dos marcadores de desigualdade no Brasil e os dados sobre a pandemia, consultam-se os seguintes sites:

1. Agência Brasileira da EBC: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-11/covid-19-brasil-tem-103-mil-casos-e-284-mortes-em-24-horas>. Data do acesso: 24\11\2021.
2. Notícias do IBGE: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25882-extrema-pobreza-atinge-13-5-milhoes-de-pessoas-e-chega-ao-maior-nivel-em-7-anos>. Data do acesso: 24\11\2021.

Talvez, hoje, se possa indagar, com mais ênfase, a proposta de Phillipe Ariès que, em 1977, publica a obra *O homem diante da morte*, supondo, de forma implícita, certa conformidade com as mortes às épocas Medieval e Moderna. O alto índice de mortalidade teria produzido discursos de uma boa morte, tranquila e indolor. Para Norbert Elias (2011: 19), Ariès desconfiava do presente inglório e redeseñava o passado, propondo, com isso, uma tessitura mais gloriosa. Sem entrar propriamente nas críticas de Elias, tende-se também a discordar de Ariès: as mortes provocadas pela COVID-19 atrelaram-se à violência, à corrupção, à brevidade, às incertezas e à eliminação de famílias.

Dentro deste quadro, no mínimo, catastrófico, divide-se a presente discussão em duas partes: a primeira visa à compreensão da paisagem mortuária da sociedade romana, com destaque, ao Campo de Marte, à época do século I a.C. A segunda parte analisa as relações familiares na corte neroniana e suas dimensões mais particulares e emocionais na forma como se lembravam dos mortos sob a perspectiva de Sêneca.

1. Necrópoles romanas e suas dimensões emocionais

Ao se ater ao testemunho de Estrabão (63 a.C.-24 d.C.) ver-se-á, por exemplo, uma narrativa complexa e simbólica, ao retratar a paisagem no Campo de Marte e seu suntuoso edifício, o Mausoléu de Augusto. A extensa e detalhada descrição do geógrafo nos conduz a uma paisagem movimentada e repleta de edificações, como teatros, anfiteatros, pórticos, bosques sagrados, templos e, na

3. Notícias do Senado: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/03/recordista-em-desigualdade-pais-estuda-alternativas-para-ajudar-os-mais-pobres>. Data de acesso: 24/11/2021. É interessante mencionar igualmente que o site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística divulgou uma síntese de Indicadores Sociais dos anos de 2001 a 2020: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?=&t=downloads>. Data de acesso: 24/11/2021.

especialidade de pesquisa, o Campo de Marte agregava áreas de enterramentos de cidadãos notáveis, tendo o mais ilustre deles, César Augusto.³

Sabe-se, pois que o Mausoléu de Augusto se localiza entre a Via Flâmínia e o rio Tibre, indicando, desse modo, uma posição privilegiada, já que as vias terrestre e fluvial tornavam-se fontes de comunicação e de trocas de bens, sejam materiais, sejam simbólicas. Normalmente, as necrópoles romanas se posicionavam nas vias de acesso das cidades. Construídos em posições estratégicas, edifícios, cenotáfios e monumentos funerários cruzavam uma paisagem movimentada e repleta de construções como aquedutos, marcos miliares, armazéns de alimentos e, tal como destaca Estrabão (*Geografia*, 5, 8, 35), edifícios para o entretenimento, tais como o teatro e o anfiteatro.⁴ Como propõe C. Tilley (2008: 274), as paisagens relacionam-se aos diferentes interesses e práticas sociais, por isso devem-se considerar, de fato, monumentos ou assentamentos relacionáveis à paisagem. O Campo de Marte é um exemplo. A paisagem dele congrega um conjunto de sepulcros, como, por exemplo, circulares e piramidal.

É nessa paisagem sagrada – contendo templos e bosques – que, nas palavras de Estrabão (*Geografia*, 5, 8, 40), Augusto constrói o seu monumento eterno. Observa-se um certo empreendimento e custeamento que se associam aos grupos sociais aristocráticos da cidade de Roma. Tanto nos vestígios materiais quanto nos textuais, contemplam-se personagens como Pompeu, César Augusto, Lívia, entre tantos outros, os quais não somente ocuparam a paisagem com edifícios, mas, por meio deles, construíram e compartilharam elementos simbólicos associados à cidade de Roma.

³ Para maiores informações sobre o Mausoléu de Augusto, sugerimos os seguintes autores: GUVEN (1998), EDER (2005), JONES (2008), KALLIS (2011), SÁEZ (2016), OMENA-FUNARI (2016), OMENA (2020), entre outros mais.

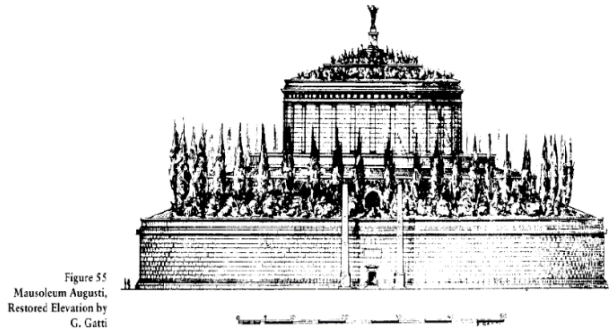
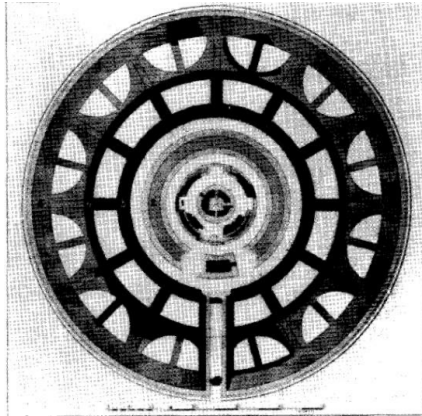
⁴ Sugere-se o trabalho de Virginia Campbell (2015: 147 a 331) que se intitula - The tombs of Pompeii. Organization, Space, and Society. Na obra, a autora produz uma excelente discussão sobre as necrópoles de Pompeia e, ainda, inclui, em seu anexo, dois apêndices contendo um quadro completo com todas as informações catalogadas sobre os edifícios e os monumentos. Neles, há informações sobre o número da tumba, tipo, dimensões, dimensões do invólucro, materiais, formas, inscrições, referências, localização, texto, datação, imagens, comentários e bibliografia. Há também um terceiro apêndice com inscrições funerárias (CAMPBELL, 2015: 333 a 339).

Tais insígnias de poder aparecem representadas na narrativa de Estrabão, quando o mesmo descreve o Mausoléu de Augusto, pormenorizadamente, incluindo, com isso, a construção monumental com suas bases de mármore branco, o bosque sagrado, a estátua de bronze de Augusto, o recinto da pira funerária em mármore, a plantação de álamos negros e, em especial, a localização do Mausoléu: a partir dele, os visitantes visualizariam o antigo fórum, os pórticos das Basílicas, os templos, o Capitólio e o Palatino (ESTRABÃO, Geografia, 5, 8, 50 e 55).⁵ Sabe-se, pois, que o Mausoléu é uma série de anéis concêntricos de concreto revestidos com blocos em travertino e acomodaram os restos mortais de Marcelo, Otávia, Marco Vipsânio Agripa, Druso Maior, Lúcio, Caio César, Augusto (27 – 14 d.C.), Germânico, Lúvia, Agripina Maior, Tibério (14-37 d.C.), Cláudio (41-54 d.C.), Britânico, Pompeia, esposa de Nero (54-68 d.C.) e, talvez, Vespasiano (69-79 d.C.) (OMENA-FUNARI, 2016: 79-81). Abaixo, observam-se os planos interno e externo do Mausoléu Augustano:

⁵ Segundo RICHARDSON (1992: 65), no período de Augusto, o Campo de Marte estaria dividido entre Regio VII, Via Lata e Regio IX, Circus Flaminius, a linha de divisão entre os dois parece um tanto incerta, mas faziam paralelo à linha da Via Flaminia e, possivelmente, ao longo dela. De acordo com o estudioso, a planície era baixa, já que a sua superfície estava apenas a 3-8m acima do Tibre e, apenas com elevações menores, causava constantemente inundações. Por isso, teriam sido imprescindíveis obras de canalizações as quais desviariam o curso das águas, como, por exemplo, a Petronia Amnis. Nesta, as águas drenadas corriam para o sul e oeste da encosta oeste do Quirinal. É importante ressaltar que, ao longo do tempo, o Campo de Marte abrigou não somente construções públicas, como templos e teatros, mas também a paisagem teria sido ocupada por edifícios privados, pois, como afirma RICHARDSON (1992: 67), o catálogo regional lista 3.805 insulae e 120 domus em Regio VII, bem como 2.777 insulae e 140 domus em Regio IX.

Fig. I. Plano interno e circular da Mausoléu de Augusto. No centro teria sido sepultado a urna com os restos mortais do *Princeps* Augusto. **Crédito da Imagem:** L. Richardson (1992: 247)

Fig. II. Plano externo do Mausoléu de Augusto. **Crédito da Imagem:** L. Richardson (1992: 248).



Logo, a espacialidade e suas celebrações traduzir-se-iam em formas de comunicação política e social. Adquirem uma linguagem imagética e dramática que, segundo se propõe, reforçam os sentimentos de pertencimento e consentimento. Na fala de Estrabão, detectam-se informações sobre a qualidade espacial, a diversidade de obras e, por consequência àquela paisagem, congregavam-se funções e público variáveis. Como sustenta Tilley (2008: 272), a paisagem é fundamental para a existência humana, uma vez que fornece um meio e um resultado, individual e social de suas práticas culturais. Assim, a fisicalidade das paisagens orienta as pessoas e os lugares dentro delas, um recurso físico e sensorial para as experiências sociais e simbólicas. Dito isso, propõe-se que o espaço propicie um conjunto de experiências emocionais.

Por isso, espacialidade arquitetônica – externa e internamente – produz experiências emocionais. A grandiosidade da construção, o espaço gerenciado e os seus símbolos sociais e sagrados produzem acolhimento. Ao se voltar a Estrabão, o geógrafo grego destaca, com enorme admiração, o conjunto espacial do Campo de Marte, pois, por intermédio de seus bosques e construções arquitetônicas,

convidava as pessoas a oferecerem sacrifícios, exercitarem seus corpos, frequentarem espetáculos teatrais, corridas e combates gladiatoriais e, ainda, sepultarem seus mortos ilustres. O espaço arquitetônico público convida os viandantes a se integrarem, à medida que produzem identidades, o compartilhamento de símbolos e se inscrevem em uma memória social. Ao parafrasear Norberto Luiz Guarinello (2001) em “Festa, trabalho e cotidiano”, entende-se que a construção dos espaços arquitetônicos, tais como as celebrações festivas as quais estão interconectadas, envolvem valores, visões de mundo e emoções. Portanto, categorizar as comemorações implica relacioná-las:

1. a uma determinada estrutura social de produção, no sentido de que as festas não são dádivas de Deus, nem caem dos céus segundo os desejos. Elas são laboriosamente e materialmente preparadas, custeadas, planejadas, montadas, segundo regras peculiares a cada uma e por atividades efetuadas no interior da própria vida cotidiana (...).
2. envolve a participação concreta de um determinado coletivo, seja ele a sociedade em seu conjunto, seja grupos dentro dela, com maior ou menor expressão ou força legitimadora (...).
3. aparece como uma interrupção do tempo social, uma suspensão temporária das atividades diárias que pode ser cíclica, como nas festas de calendário (...).
4. articula-se em torno de um objeto focal que pode ser um ente real ou imaginário, um acontecimento, um anseio ou satisfação coletivos e que atua como motivação da festa (...).
5. por fim, uma festa é uma produção social que pode gerar vários produtos, tanto materiais como comunicativos ou, simplesmente, significativos. O mais crucial e mais geral desses produtos é, precisamente, a produção de uma determinada identidade entre os participantes, ou, antes, a concretização efetivamente sensorial de uma determinada identidade que é dada pelo compartilhamento do símbolo que é comemorado e que, portanto, se inscreve na memória coletiva como um afeto coletivo, como a junção dos afetos e expectativas individuais, como um ponto em comum que define a unidade dos participantes (GUARINELLO, 2001: 271-272).

Se se referir à arena romana, os conflitos entre grupos aristocráticos transformaram a morte e seus rituais de enterramentos em momentos propícios para os espaços de disputas. Embora tais práticas não possam ser reduzidas às disputas de poder, uma vez que congregam características emocionais, sociais e sagradas, acentua-se, pelo menos, nesta discussão, a relevância da linguagem política para as

práticas mortuárias. Augusto não se opôs somente aos grupos aristocráticos vinculados a Marco Antônio e Cleôpatra, mas, ao construir o Mausoléu no Campo de Marte, preocupou-se também em propagar imagens de unidade entre as *gentes* Claudia e Iulia. Sabe-se, pois, que os laços familiares na sociedade romana representavam, particularmente, laços institucionais. A prática política envolvia alianças entre as *gentes*, portanto, as uniões matrimoniais, a dissolução delas pelo divórcio, o nascimento de filhos legítimos e o respeito aos ancestrais, por intermédio dos rituais de sepultamentos, posicionavam protagonistas, tais como Augusto e seus familiares, no centro das disputas aristocráticas da corte romana.

Como resultante, entende-se que as práticas de sepultamentos se tornaram fontes de disputas e de conflitos entre famílias aristocráticas. As construções dos edifícios e dos monumentos nas necrópoles romanas representavam, segundo se propõe, uma verticalização da construção social de memória. Como aponta Maureen Carroll (2011: 65):

Os romanos atribuíram grande importância na preservação da memória, uma vez que os monumentos, a partir de imagens e de textos, transmitiram informações sobre a vida das pessoas. Assim, entende-se que as inscrições funerárias, em particular, com o auxílio na definição da identidade de uma pessoa e na incorporação dessa pessoa em um contexto social e cultural, identificavam o falecido, o dedicador do memorial, bem como a comemoração dos mortos em relação aos familiares, aos amigos, aos herdeiros e aos patronos reconhecidos publicamente na inscrição (...). Isto foi considerado imprescindível à eficácia da memória e, de fato, propiciou a contemplação de retratos e estátuas dos entes queridos que, ao longo do tempo, poderiam consolar-se com as imagens dos falecidos.

Augusto e os demais grupos de notáveis escolheram as imagens e as inscrições mortuárias como uma agenda mnemônica para gerações futuras, já que pretenderam perpetuar suas respectivas reputações em vida e na morte. Havia uma urgência em indicar herdeiros, os quais assumiriam suas posições políticas dentro da família e das magistraturas. O ritual funerário se inseria no coração político de Roma, e os feitos familiares passados tinham a pretensão de ressaltar as realizações do morto e a influência comprovada da família. Por sua vez, a família poderia usar

a imagem funerária como um parâmetro interno que apresentasse objetivos claros para seus membros mais jovens alcançarem posições na política romana. Os mortos ofereciam *exempla* de sucessos passados e tornavam-se lembretes do seu próprio lugar dentro da estrutura de poder.

Tais afirmativas levam a supor que a sociedade romana apreciava os monumentos e cortejos funerários, tornavam evidentes, desta feita, as atitudes e aspirações de cidadãos, pois, em paráfrase à CARROLL (2006: 04), transformavam-se em modelos sociais que inseridos em um observatório público e sacralizado, tornavam evidentes suas posições e disputas políticas na corte romana. Para tanto, torna-se imprescindível, a partir deste momento, compreender as relações familiares, com ênfase, nas dimensões emocionais e no exercício de poder sob o viés senequiano, para, deste modo, analisar os entrelaçamentos entre ética, família e morte.

2. Morte e *Uirtus*: Vínculos familiares em Sobre os Benefícios de Sêneca (62 d.C.)

A paisagem literária, no período da dinastia Júlio-Claudiana, foi marcada pelas disputas entre as famílias aristocráticas por espaços de poder, orbitando sobre normas e valores éticos como elementos importantes na busca pela legitimidade daquele que governa (HOPKINS, 1978: 113, 114, 232). Prestígio, glória e honra eram aspirações comuns das estratégias políticas de diferentes grupos aristocráticos na busca de seus interesses nas magistraturas civis e militares, de forma sistemática ou não (LONDON, 1997: 30; JOLY; GUARINELLO, 2001: 4). Esse contexto serve como uma das chaves explicativas das proposições éticas de Sêneca para as relações familiares em sua obra *Sobre os Benefícios* (GLOYN, 2017: 77)⁶. Uma proposta

⁶ Para a autora GLOYN (2017: 77-106), a *Lex Iulia de Maritandis Ordinibus* (19 a.C.) e a *Lex Papia Poppaea* (9 d.C.) baseiam os parâmetros que Sêneca utiliza nas suas obras *Sobre o Matrimônio* e

possível é que as legislações augustanas sobre a família são essenciais para a construção da ética senequiana sobre a família. Quando sugere um código de comportamento sob a égide da prática virtuosa nos espaços domésticos, Sêneca apresentou o estoicismo como capaz de unificar as relações sociais, notavelmente, entre os nobiles romanos (GUARINELLO, 1996: 54).

Um dos principais dispositivos retóricos empregados por Sêneca, no âmbito das relações familiares, foram as metáforas pai-filho e senhor-escravo que surgem como as mais frequentes em sua obra *Sobre os Benefícios* (ROLLER, 2001: 213). É verificável, segundo Roller (2001: 213), a recorrência dessas metáforas em fontes textuais e materiais no período entre a morte de César (43 a.C.) e o fim do governo de Nero (68 d.C.)⁷. Ele propõe que o endereçamento das metáforas seria as classes governantes a partir de uma estrutura ética (ROLLER, 2001: 213-215). Logo, a construção de um modelo de atuação política, através do qual membros das classes governantes pautariam sua inserção no espaço público efetivo, no pensamento de Sêneca, passa pelo uso das metáforas pai-filho, senhor-escravo (PATERSON, 2007: 123)⁸. Dessa maneira, o filósofo a vinculação pai-filho serviria como um espelho⁹ para o exercício da *uirtus* entre as instituições do Principado romano ao invés de basearem nas paixões como a ira (SEN. *De Ira*, 1.8.1-3), ingratidão (SEN. *De Ben.*, 7.27.3) e orgulho (SEN. *De Ben.*, 2.12.1). Os prudentes juízos, preconizados pelo

Sobre os Benefícios. Uma análise mais detalhada da relação entre a legislação de Augusto e a ética senequiana pode ser encontrada na obra de TREGGIARI (1991: 60-80).

⁷ Segundo ROLLER (2001: 213-215), essas metáforas são atestadas em várias fontes documentais, desde textuais (Suasórias de Sêneca, o Velho, os Feitos do Divino Augusto, entre outras), bem como em fontes materiais (como, por exemplo, uma moeda comemorando a participação de Bruto no assassinato de César). Para um estudo mais detalhado sobre essa moeda, recomenda-se a obra CRAWFORD (1974).

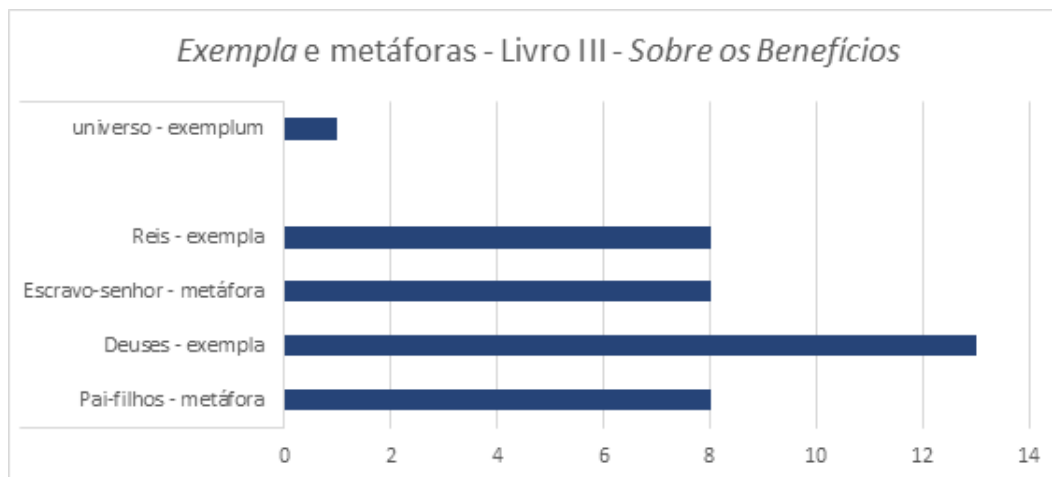
⁸ Apenas discorda-se de PATERSON (2001: 123) quando apresenta um quadro binômico das relações políticas, ou seja, governante/governados. Assume-se como marco teórico a percepção do exercício do poder de governo como algo outorgado, compartilhado, assim como o entendem JOLY-GUARINELLO (2001: 5).

⁹ “Espelho” no sentido que o próprio Sêneca usa no tratado *Sobre a Clemência* (Proêmio, 1.1), a saber, uma proposta de atuação política do que o bom exercício de virtudes, como a clemência, poderia vir a ser. Confirma a tradução de BRAREN (1990: 39) para esse trecho do *Sobre a Clemência*.

cordovense, na órbita familiar, servirá como um ideal do que poderia vir a ser praticado entre os vários grupos aristocráticos em ampla competição.

Sobre os Benefícios, dentre os tratados de Sêneca, é o que se detém mais sobre a metáfora pai-filho. Já que é o último e mais extenso tratado (sete livros), é marcado pela maturidade intelectual principalmente pela maneira como ele aborda o sistema do patronato (LENTANO, 2014: 201). A escrita de Sobre os Benefícios teria sido, provavelmente, sido terminada no ano 62 d.C. o mesmo da saída de Sêneca da *aula* imperial de Nero (GRIFFIN, 1976: 399). Assim, esse tratado resume as experiências de benesses e revezes do filósofo que se acercou do poder imperial (GONÇALVES, 1999: 50). Por fim, o tratado constitui uma das propostas finais de Sêneca quanto ao ambiente político do Principado a partir da troca de benefícios para os quais as relações familiares aparecem como fundamentais.

Figura IV – Gráfico do mapeamento das metáforas em Sobre os Benefícios.



Somam-se, ao todo, oito ocorrências que se concentram no final do Livro III (veja Figura IV acima). Tanto a localização quanto a densidade dessas aparições são sugestivas. O livro IV de Sobre os Benefícios considerado o mais consistente dentre os sete livros da obra (GRIFFIN-INWOOD, 2011: 8). Já que a metáfora pai-filho se situa no final do Livro III, parece razoável supor a importância dessa relação para a arquitetura da argumentação de Sêneca como um todo em Sobre os

Benefícios. Logo, essa metáfora surge preludia e cria a esteira da parte central do tratado.

Dessa forma, a análise de Liz Gloyn (2017: 11), para quem a metáfora pai-filho é apenas uma nova proposta de modelo de paternidade a partir da oikeiosis, não faz jus ao destaque dado pelo próprio Sêneca ao tópico. Além disso, o estudo de Gloyn (2017: 116-117) deixa escapar a necessária transposição do comportamento na domus para a esfera pública, o que é o intuito por trás do uso da metáfora pai-filho.

A autora francesa Mireille Armisen-Marchetti, em sua obra *Sapientiae facies: étude sur les images de Sénèque*, é uma das principais referências no estudo das metáforas em Sêneca. Para ela, as metáforas enfatizariam o discurso em torno do que é ser virtuoso como parte de uma estética retórica, talvez, em alguns casos, até pejorativa (ARMISEN-MARCHETTI, 1989: 24). Nesse caso, as metáforas não seriam uma forma de *translatio* (tradução), mas sim uma forma de similitude (similitudo) conforme o próprio Sêneca (*De Ben.* 5.13.3).¹⁰ Dito de outro modo, as metáforas, como uma forma de linguagem figurativa, apresentam a imagem de um objeto que é construído em termos de retórica. Assim, a imagem (imago) que o filósofo intenta construir se utiliza da metáfora e não seria a metáfora em si (ARMISEN-MARCHETTI, 1989: 27). Logo, a imagem das relações políticas que Sêneca evoca em seu discurso é mediada pelas metáforas (pai-filho, por exemplo).

Uma questão pertinente às metáforas de Sêneca em *Sobre os Benefícios* refere-se a morte como topos de vários dos seus exempla.¹¹ A temática da morte em Sêneca é um assunto já bastante explorado. Alguns autores lidaram o suicídio

¹⁰ *Quaedam, etiam si uera non sunt, propter similitudinem eodem uocabulo comprehensa sunt [...] Beneficia ista non sunt, habent tamen beneficium speciem* – Algumas coisas, mesmo não sendo verdadeiras, são compreendidas pela similitude do vocabulário [...] Benefícios não são, mas têm a aparência de benefício.

¹¹ Para GLOYN (2017: 110), o exemplum era um recurso retórico didático que visava modelar uma estética de comportamento guiado pela uirtus a partir de modelos do passado empregados como forma de incentivo ao jovem a sobrepujar os seus predecessores e se unir a eles em um ranque de exempla para os jovens no futuro.

(TADIC-GILLOTEAUX, 1963: 541-551).¹² Existe uma abordagem da morte sob a égide da liberdade (VIASINO, 1979: 168-196).¹³ Outros estudaram esse tema a partir das cartas consolatórias, atentando para a filosofia como terapia para a dor (COSTA JÚNIOR, 2016: 1-13).¹⁴ Porém, no tratado Sobre os Benefícios, a morte surge como uma experiência muito próxima diante da qual a *uirtus* deveria ser exercida.

Por essa razão, Sêneca emprega dois exempla ligados à memória romana em que filhos, diante do grande risco de morte dos seus pais, agem virtuosamente para livrá-los. O primeiro é o de Públio Cornélio Cipião Africano (SEN. *De Ben.* 3.33.1), e o segundo é o de Eneias (SEN. *De Ben.* 3.37.1). Antes de analisar essas duas ocorrências, convém delimitar o contexto em que elas aparecem no livro III de *Sobre os Benefícios*.

3. Metáfora pai-filho

A metáfora pai-filho, presente também no livro III de *Sobre os Benefícios*, é tecida de uma maneira instigante. Sêneca faz uma *setentiae*¹⁵ no contexto imediatamente anterior da metáfora (SEN. *De Ben.* 3.29.6), a partir daí, emprega vários *exempla* (Aristóteles, Sócrates, Xenofonte e Platão – 3.32.3; Marcos Agripa – 3.32.4; Augusto – 3.36.1). Depois, novamente insere uma *setentiae* (SEN. *De Ben.* 3.36.1) e finaliza com mais um *exemplum* (Eneias – SEN. *De Ben.* 3.37.1). Essa estrutura estaria a serviço de dois argumentos principais para os quais ele apresenta os dois *exempla* mencionados acima. O primeiro argumento é de que os benefícios conferidos aos pais, também o são, em algum grau, aos filhos (SEN. *De Ben.* 3.29.6):

¹² Para um aprofundamento maior sobre o suicídio em Sêneca, sugerem-se os trabalhos de GRIFFIN (1976: 367-388) e KER (2009: 249-279).

¹³ Esse subtópico é abordado por autores como BRUN (1966: 6) e TARDIN CARDOSO (1999: 229-256).

¹⁴ Confira também os trabalhos de CAROÇO (2011) e ANDRÉ (1995: 593-615).

¹⁵ Uma *setentiae* é, segundo BRAUND (2009: 22), uma sentença prosaica, forte e enfática, inserida ocasionalmente para transmitir um postulado forte que é, em seguida, desenvolvido em uma série de argumentos.

Non potuissem quicquam consequi nisi parentum beneficium antecessit; sed non ideo, quidquid consecutus sum, minus est eo, sine quo consecutus non essem.

Não conseguiria [nada] se não fosse o benefício conferido anteriormente aos meus pais; mas não por isso, o que ele conseguiu é menor que aquele sem o qual eu não teria conseguido.¹⁶

A metáfora precipita sua tônica de postar que a gratidão e humildade são parte do reconhecimento de que, sem os benefícios concedidos aos pais¹⁷, ninguém logra êxito em assumir posições, obter riquezas e prestígio. As relações políticas são um *topos* transversal dessa metáfora, pois os *exempla* empregados são extraídos da história política de Roma como Marcos Agripa (SEN. *De Ben.* 3.32.4)¹⁸, Otávio Augusto e Júlio César (SEN. *De Ben.* 3.32.5).

Digno de menção é o fato de que os *exempla* vinculam-se à dinastia Júlio-claudiana¹⁹, à qual Nero pertencia. Esse emprego dos *exempla* pode ser um indício de que o filósofo tenha feito uma referência implícita à família imperial. Ainda que no período republicano os *nobiles* já contassem como parte da vida política romana, depois de Augusto, a família imperial (*aula* imperial) passa a ter um caráter público no que diz respeito ao papel das mulheres²⁰ como também no que tange aos homens enquanto sucessores imperiais (JOLY-FAVERSANI, 2020: 80). Esse âmbito público também apontaria para um papel político, na medida em que essa família imperial

¹⁶ Recomenda-se para esse trecho a tradução do latim para o italiano de MENGHI (2019: 103).

¹⁷ Entende-se que com “pais” aqui Sêneca não se refira a um vínculo biológico no sentido da progenitura física, mas sim à paternidade em termos políticos, pois é dessa forma que ele enxerga a relação de Otávio Augusto com Júlio César em *De Beneficiis* 3.32.5. Na interpretação de GRIFFIN-INWOOD (2011: 198), o ponto de Sêneca é afirmar que o pai biológico de Augusto, no caso, foi menos importante do que o seu pai adotivo, Júlio César.

¹⁸ Marcos Vispânio Agripa (consulado 28, 27 a.C.) foi o grande general e associado de Augusto, e por último seu genro (veja *Sobre os Benefícios*, 6.32.2-4) (GRIFFIN-INWOOD, 2011: 198).

¹⁹ Uma importante análise das transformações e continuidades na história política romana a partir da *domus* com identidade coletiva, encontra-se no trabalho de JOLY-FAVERSANI (2020: 77-95).

²⁰ Um papel público das mulheres é a representação de Lúcia em vários elementos da cultura material. Destaca-se, por exemplo, a Base de Sorrento (Inv. 3657. Sorrento, Museu Correale de Terranova – Anexo 6) disponível e analisada por CECAMORE (2004: 294) na qual, segundo essa autora, Lúcia, esposa de Augusto, é representada ao lado de sacerdotisas vestais como símbolo de pudicitia (pudor). Tal representação visava à criação de uma imagem pública de Lúcia a partir da qual valores do *mos maiorum* foram enfatizados.

assumia uma posição de destaque entre as famílias aristocráticas (WINTERLING, 1999: 195).

Portanto, mesmo que sejam assumidas como variadas as linhas de atuação política de Tibério a Nero, a *aula* imperial participava, de maneira efetiva, das disputas e tensões institucionais que marcaram esse período.²¹ Assim, Sêneca inseriu *exempla* com ligação estreita à dinastia Júlio-claudiana como uma tentativa, implícita ou não, de construção de modelos de comportamento a partir de personagens anteriores. Ademais, esses *exempla* seriam uma sugestão de atuação dessa família imperial no sistema do patronato. De modo conjectural, pode ser que há uma referência mais específica ainda a Nero, pois no bojo do argumento há a construção da imagem de que cada geração deve ser grata aos benefícios concedidos aos predecessores (SEN. *De Ben.* 4.30.3), e isso poderia incluir até mesmo o *Princeps*²².

O segundo argumento no uso da metáfora pai-filho encontra-se no trecho abaixo:

Haec non destruunt parentium uenerationem nec deteriores illis liberos faciunt, immo etiam meliores; natura enim gloriosa uirtus est et anteire priores cupit [...]

Estes [argumentos] não destroem a veneração aos pais, nem deterioram os feitos dos filhos, ao invés disso, os fazem melhores, de fato, a virtude natural intenta alcançar glória e superar os predecessores [...] (SEN. *De Ben.* 3.36.1).

²¹ Os estudos de SALLER (2002: 41-78) e WALLACE-HADRILL (1993: 25-42) trouxeram reflexões importantes sobre o estatuto da aula imperial. Uma contribuição significativa dos dois autores foi chamar a atenção para a importância política da aula imperial a qual operava efetivamente por meio da distribuição de favores e interferia na relação entre o *Princeps* e a aristocracia. Embora a aula não fosse institucionalizada, os membros da família imperial participavam do quadro de disputas políticas, fazendo valer seus interesses, acionando sua rede de conexões e clientes na consecução de seus interesses.

²² FAVERSANI (1998: 226) atribui à historiografia e não a Sêneca existência de um “ideal senatorial” defendido pelo estoico, ou seja, a visão do estoico que o *Princeps* ser o primeiro, isto é, o melhor entre iguais. Para Faversoni, Sêneca, em seus escritos, não esboça os contornos do chamado “ideal senatorial”, pelo contrário, avança no sentido de construir um ideal de Principado que o tornasse mais autocrático e centralizado (JOLY-FAVERSANI, 2020: 91).

Os filhos não apenas podem exercer a gratidão por causa dos benefícios concedidos aos pais, mas no exercício da virtude, podem, inclusive, superá-los. Essa evocação dos personagens metafóricos (pai-filho) aponta que cada geração deveria superar a anterior através de uma prática virtuosa da troca de benefícios. Além disso, todos esses personagens vinculados ao passado romano, em certa medida, são ideais no sentido de que esboçam um modelo a ser seguido. Outra questão é que a ancestralidade aparece como topos nas metáforas senequianas. Recorrer à ancestralidade era uma estratégia comum no jogo político visto que era uma forma de se situar na disputa por poder em meio aos vários grupos aristocráticos (SMITH, 2006: 3). Dessa maneira, estar vinculado a uma gens importante poderia conferir vantagens e aumentar as intrigas políticas ao longo do *cursus honorum*. Logo, o prestígio de um *nobilis* condicionava-se também a sua trajetória em comparação àquela de seus ancestrais. Nisso se firmava a busca por *auctoritas* entre a aristocracia romana (PITA, 2010: 35). O prestígio, na visão de Sêneca (*Sobre a Tranquilidade da Alma*, 1.3), só poderia ser alcançado a partir da apreciação de outro. Assim, essa noção nos escritos do filósofo tem uma conotação coletiva inerente.

A partir da análise acima, é importante apreciar dois excertos importantes da metáfora pai-filho:

Seruat in proelio patrem Scipio et praetextatus in hostes eum concitat. Parum est, quod, ut perueniret ad patrem, tot pericula maximos duces cum maxime prementia contempsit, tot oppositas difficultates

Cipião resgatou seu pai no campo de batalha e, apesar de sua pouca idade, ele conduziu seus cavalos entre as fileiras inimigas. É trivial o fato de que ele desprezou todos os perigos que eram uma ameaça para os homens mais poderosos e confrontou todos os obstáculos para alcançar seu pai? (SEN. *De Ben.* 3.33.1)

No excerto acima, Sêneca faz alusão a Públio Cornélio Cipião Africano (236-183 a.C.). TITO LIVIO (*História Romana*, 21.46.7-8) narra esse incidente como parte da Batalha de Ticino (218 a.C.). Esse exemplum é elaborado a partir de uma situação em que a morte parecia iminente. Diante da possibilidade de morte do

pai, o filho o supera em glória ao resgatá-lo. Nesse caso, a morte surge em Sobre os Benefícios como uma experiência que indica a uirtus de um nobile, e, portanto, também sua condição moral para conduzir os assuntos que visam o bem público. Embora a narrativa de Sêneca seja uma referência ao passado republicano romano, sua reflexão reflete o quadro político do Principado. Portanto, o filósofo enxerga que, a despeito de sua argumentação de que os filhos deveriam superar os pais, os nobiles de seu tempo seriam menos virtuosos que seus ancestrais. De forma implícita ou não, Sêneca estaria criticando a atuação política dos grupos aristocráticos do período do governo de Nero. Cabe ressaltar também que Sêneca (*Sobre o Ócio*, 6.4) intentava que esse modelo ético estoico de inserção política alcançasse a posteridade. Por isso, sua preocupação em forjar um padrão de comportamento público que desse conta das dissensões e disputas políticas do Principado.

O segundo excerto da metáfora pai-filho é bastante emblemático:

*Uicit Aeneas patrem, ipse eius in infantia leue tutumque gestamen,
grauem senio per media hostium agmina et per cadentis circa se urbis
ruinas ferens, cum complexus sacra ac penates deos religiosus senex
non simplici uadentem sarcina premeret; tulit illum per ignes et (quid
non pietas potest?) pertulit colendumque inter conditores Romani
inperii possuit.*

Eneas venceu seu pai, ele mesmo tinha sido um fardo leve na infância, sem riscos; mas carregou seu pai, que era pesado em sua velhice através das linhas inimigas no meio das ruínas de uma cidade e de seus pátios; carregou o piedoso senil com seus objetos sagrados e deuses domésticos em seus braços através das chamas (que piedade não pôde?) e o depositou seguro para estabelecer seu pai como um dos fundadores do império romano a ser honrado. (SEN. *De Ben.* 3.37.1).

Embora essa narrativa esteja presente também em TITO LÍVIO (*História de Roma*, 1.1.7), ela é evocada por Sêneca com propósitos específicos. Ao retomar Eneas como um personagem fundacional, Sêneca usa a sua imagem, vinculada à linhagem de Augusto, para formular uma afirmação de pietas em que a prática de

benefícios (ou seja, do filho para o pai) perfaz uma das formas em que os pais e os deuses são honrados na uirtus dos filhos. Nessa narrativa mítica, Eneias atuou de forma virtuosa diante da possível morte de seu pai. Sua pietas e uirtus são tratados pelo filósofo como dois importantes pilares da grandiosidade e perenidade de Roma. Da mesma forma, o imperador e seus inferiores, seguindo o exemplo de Eneias, só estariam em condições de agir em prol do bem público nas instituições romana se observassem a honra e dignidade das relações familiares.

Assim, Sêneca estabelece uma estética política de atuação do Princeps na qual o exercício do poder estabelece a concórdia necessária para o bem de Roma. Dito de outro modo, tal qual Eneias, sendo piedoso ao honrar os deuses e seu pai, se inscreve no rol daqueles que fundam Roma, o Princeps alcança, na pietas, um bom governo para a Res Publica. Esse papel do Princeps como aquele cujo governo confere coerência, recebendo dos deuses favores, não é exclusivo de *Sobre os Benefícios*, mas se encontra até mesmo no tratado *Sobre a Clemência* (FAVERSANI, 2007: 144).

Enfim, as metáforas servem como uma das formas de construir uma imagem na qual as práticas sociais e políticas se encontram em harmonia de acordo com a uirtus. A prática da troca de benefício é, dessa maneira, a proposta que Sêneca apresenta como forma de mediar essas relações institucionais complexas e marcadas por tensões, tendo as relações familiares como espelho.

4. Conclusão

O diálogo da cultura material com a tradição textual por intermédio da temática da morte abre uma série de questões relativas ao jogo político e as divergências que tinham lugar no Principado romano. Mais do que isso, a espacialidade da morte a partir dos vários vestígios analisados e as reflexões de Sêneca em *Sobre os Benefícios* apresentam uma paisagem complexa entremeada por disputas por espaços de poder na elaboração de formas distintas de comunicação política e social.

Estudar a morte, *topos* comum na espacialidade física e literária, significa igualmente perceber a imbricação das esferas pública e privada da sociedade romana como realidades indissociáveis. Por essa razão, é um tema desafiador, inconcluso e instigante perante o qual os historiadores da Antiguidade têm um vasto caminho a ser trilhado.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL:

- AUTOR ANÔNIMO (1993). *Consolatio ad Liviam*. Trad. Tomás González Rolán e Pilar Saquero. Madrid: Ediciones Clasicas.
- SÉNECA (1990). *Tratado sobre a clemência*. Introdução, tradução e notas de Ingeborg Braren. Petrópolis: Vozes.
- SÉNECA (2009). *De Clementia: edited with Text, Translation, and Commentary*. Trad. Susanna Braund. Oxford: Oxford University Press.
- SÉNECA (2011). *The complete works of Lucius Annaeus Seneca: On Benefits*. Trad. Miriam T. Griffin, Brad D. Inwood. Chicago: The University of Chicago Press.
- SÉNECA (2019). *Sui benefici*. Introdução e tradução de M. Menghi. Laterza: Editore Laterza.
- SÉNECA (1972). *Des bienfaits Tome I: Texte Établi et traduit par François Préchac*. Paris: Société D'Édition Les Belles Lettres.
- SÉNECA (1995). *Moral and Political Essays: Cambridge texts in the history of political thought*. John M. Cooper (trad.), J. F. Procopé (ed.). Cambridge: Cambridge University Press.
- STRABO (1928). *Geography: Books VIII-X*. Transl. Horace Leonard Jones. Cambridge: Harvard University Press. 546p. (Loeb Classical Library).
- VARRO, M. T. (2021). *De Lingua Latina*. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/varro.html>>. Acesso em: 24 novembro 2021.
- VIRGIL (1916). *Eclogues. Georgics. Aeneid: Books 1-6*. Trad. H. Rushton Fairclough. Revised by G. P. Goold. Cambridge: Harvard University Press. (The Loeb Classical Library).

RECURSO ONLINE:

- Agência Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-11/covid-19-brasil-tem-103-mil-casos-e-284-mortes-em-24-horas>. Data do acesso: 24/11/2021.
- Agência de Notícias do IBGE. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25882-extrema-pobreza-atinge-13-5-milhoes-de-pessoas-e-chega-ao-maior-nivel-em-7-anos>. Data do acesso: 24/11/2021.

Notícias do Senado. Disponível em:

<https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/03/recordista-em-desigualdade-pais-estuda-alternativas-para-ajudar-os-mais-pobres>. Data do acesso: 24\11\2021.

IBGE. Disponível em:

<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/condicoes-de-vida-desigualdade-e-pobreza/9221-sintese-de-indicadores-sociais.html?=&t=downloads>. Data de acesso: 24\11\2021.

OBRAS DE REFERÊNCIA

RICHARDSON, JR, L. (1992). *New Topographical Dictionary of Ancient Rome*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press.

OBRAS DE APOIO

ANDRÉ, C. A. (1995). Trilhos de evasão: estratégia retórica de Sêneca, nas consolações ad helviam e ad polybium. *HVMANITAS* — Vol. XLVII, p. 593-615.

APPADURAI, A. (1986). *La vida social de las cosas. Perspectiva cultural de las mercancías*. México: Editorial Grijalbo.

ARIÈS, P. (2014) *O homem diante da morte*. Tradução de Luiza Ribeiro. São Paulo: Ed. UNESP.

ARMISEN- MARCHETTI, M. (1989). *Sapientiae facies: Étude sur les images de Sénèque*. Paris: Les Belles Lettres.

BODEL, J. (2017). Death and Social Death in Ancient Rome. En: BODEL, J.; SCHEIDEL, W. (eds.) *On Human Bondage. After Slavery and Social Death*. Malden: John Wiley & Sons Inc., p. 81-108.

BORSATO, D. (2017). *Il genere letterario della Consolatio nella letteratura latina in ambito pagano e cristiano, con un'analisi dell' Epistula ad Turasium*. Tesi Di Laurea, Università Degli Studi Di Padova.

BRUN, J. (1966). *Les Stoïciens*. Paris: PUF, 1966.

BUTRICA, J. L. (1993). An Edition of the Consolatio Ad Liviam - Henk Schoonhoven: The Pseudo-Ovidian Ad Liviam de Morte Drusi. *The Classical Review*, v. 43, n. 2, p. 265-267.

BRÄNNSTEDT, L. (2015). *The Moving City: Processions, Passages and Promenades in Ancient Rome*. Londin-New York. Bloomsbury.

CAMPBELL, V. L. (2015). *The tombs of Pompeii. Organization, Space, and Society*. New York: Routledge.

CARDOSO, I. T. (1999). Aspectos da liberdade em As Troianas de Sêneca. *Letras Clássicas*, n. 3, p. 229-256.

CAROÇO, A. F. P. 'Omnia humana caduca sunt': A Consolação a Márcia de Sêneca. 208f. (Dissertação). Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras. Departamento de Estudos Clássicos. Lisboa, 2011.

CARROLL, M. (2018a). *Infancy and earliest childhood in the Roman world*. London: Oxford University Press, p. 82-117.

CARROLL, M (2018b). Archaeological and epigraphic evidence for infancy in the Roman World. En: CRAWFORD, S.; HADLEY, D. M.; SHEPHERD. G. (ed.). *The Archaeology of Childhood*. Oxford: Oxford University Press, p. 1-24.

- CARROLL, M (2012). No part in earthly things: the death, burial and commemoration of newborn children and infants in Roman Italy. En: HARLOW, M.; LOVÉN, L. L. (ed.). *Families in the Roman and Late Antique World*. London: Continuum International, p. 41- 63.
- CARROLL, M. (2011). The mourning was very good?. Liberation and Liberality in Roman Funerary Commemoration. En: HOPE, Valerie M.; HUSKINSON, Janet. *Memory and mourning. Studies on roman death*. Oxford: OXBOW BOOKS, p. 126-149.
- CARROLL, M. (2006). *Roman funerary commemoration in western*. Oxford: Oxford University Press.
- CHRYSTAL, P. *How to Be a Roman: A Day in the Life of a Roman Family*. Stroud: Amberley Publishing, 2017.
- CRAWFORD, M. (1974). *Roman Republican Coinage*. 2 vols. Cambridge: Cambridge University Press.
- CRAWFORD, S. et al (2018). The Archaeology of Childhood: the birth and development of a discipline. En: _____. *The Archaeology of Childhood*. Oxford: Oxford University Press, p. 01-45.
- EDER, W.(2005). Augustus and the Power of Tradition. En: GALINSKY, Karl (Ed.) *The Cambridge Companion to the Age of Augustus*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 13-32.
- DIXON, S. (1992). *The Roman Family*. Londres: The John Hopkins University Press.
- ELIAS, N. (2001). *A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer*. Tradução de Plínio Detzien. Rio de Janeiro: Zahar.
- FAVERSANI, F. (2007). Tácito, Sêneca e a historiografia. En: JOLY, F. D. (ed.). *História e retórica: Ensaio sobre a historiografia antiga*. São Paulo: Alameda Casa Editorial, p. 137-146.
- GONÇALVES, A. T. M. (1999). Uma Análise da Obra De Clementia de Sêneca: A noção de virtude. *Phoênix*, n. 5, Rio de Janeiro, p. 51-74.
- GUARINELLO, N. L. (1996). Nero, o Estoicismo e a historiografia romana. *Boletim do CPA, Campinas*, n. 1, jan./jun., p. 53-61.
- GUARINELLO-JOLY (2001). Ética e ambigüidade no principado de Nero. En: BENOIT, Hector; FUNARI, Pedro Paulo (Orgs.). *Ética e política no mundo antigo*. São Paulo: Unicamp, p. 133-152.
- HOPE, V. M. (2011). Remembering to Mourn: personal mementos of the dead in Ancient Rome. En: HOPE, Valerie M.; HUSKINSON, Janet (orgs.). *Memory and Mourning: Studies on Roman Death*. Oxford: Oxbow Books, p. 176-195.
- HOPE, V. M (2003). Remembering Rome. Memory, funerary monuments and the Roman soldier. En: WILLIAMS, H. *Archaeologies of remembrance*. New York: KaPP, p. 113-140.
- HOPKINGS, K. (1978) *Conquistadores y Esclavos*. Barcelona: Península.
- HUSKINSON, J. (2006). *Roman Children's Sarcophagi. Their decoration and Social significance*. Oxford Monographs on Classical Archeology: Clarendon Press Oxford.
- GALINSKY, K. (1996). *Augustan Culture. An Interpretative Introduction*. Princeton.
- GLOYN, L. (2017). *The Ethics of the family in Seneca*. Cambridge: Cambridge University Press.

- GUVEN, S. (1998). Displaying the Res Gestae of Augustus: A Monument of Imperial Image for All. *Journal of the Society of Architectural Historians*, Vol. 57, No. 1, p. 30-45.
- GUARINELLO, N. L. Arqueologia e cultura material: um pequeno ensaio. En: Bruno, Maria Cristina Oliveira et al. *Arqueologia do Mediterrâneo Antigo. Estudos em homenagem a Haiganuch Sarian*. Campo Grande, MS: Life, 2011, pp. 161-168.
- GUARINELLO, N. L. (2001). Festa, trabalho e cotidiano. En: JANCSÓ, I.; KANTOR, I. (orgs.) *Festa, Cultura e sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: Edusp, p. 969-975.
- GRAHAN, E. (2011). Memory and materiality: re-embodying the roman funeral. En: HOPE, V. M.; HUSKINSON, Janet. *Memory and mourning. Studies on roman death*. Oxford: OXBOW BOOKS, p. 21-39.
- GRIFFIN, M. T. (1976). *Seneca: A Philosopher in Politics*. Oxford: Clarendon Press.
- JONES, S. L. (2008). *Ut architectura poesis: Horace, odes 4, and the Mausoleum of Augustus*. Austin: University of Texas at Austin.
- JOHANSON, C. (2011). A Walk with the Dead: a funerary cityscape of ancient Rome. En: RAWSON, Beryl A. *Companion to families in the Greek and Roman worlds*. Oxford: Library of Congress, p. 408-430.
- JOSHEL, S. R. (2013). Geographies of Slave Containment and Movement. En: GEORGE, Michele. *Roman slavery and Roman material culture*. Toronto: University of Toronto Press, p. 99-128.
- JOLY, F. D; FAVERSANI, F. (2020). Os Júlio-cláudios. En: BRANDÃO, José Luís; OLIVEIRA, Francisco (orgs.). *História de Roma Antiga: Império e romanidade hispânica*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p. 77-95.
- JÚNIOR, C. L. J. DA C. (2016). Sêneca na Córsega: alguns apontamentos acerca do exílio na Consolatio Ad Helviam. XV Encontro Regional de História da UFPR, Curitiba.
- KARIS, A. (2011). 'Framing' Romanità: the Celebrations for the Bimillenario Augusteo and the Augusteo—Ara Pacis Project. *Journal of Contemporary History*, Vol. 46, No. 4, p. 809-831, (OCTOBER).
- KER, J. (2009). *The deaths of Seneca*. Oxford: Oxford University Press.
- LENTANO, M. (2014). De Beneficiis. En: DAMSCHEN, Gregor; HEIL, Andreas. *Brill's Companion to Seneca: Philosopher and Dramatist*. Boston: Brill, p. 201-206.
- MESKEL, L. (2014). Corpo e alma na arqueologia do Egito. En: MARQUETTI, Flávia Regina; FUNARI, Pedro P. A. *Corpo a corpo: representações antigas e modernas da figura humana*. São Paulo: Fap-Unifesp.
- MOTA, T. E. A. (2015). *Deberi ad sidera tolli: as promessas de divinização na Eneida e a ancestralidade heroica dos Iulli*. Tese de Doutorado. 364f. Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em História. Goiânia.
- OMENA, L. M. (2021). *Do cadáver aos rituais de sepultamento em Isola Sacra: dimensões simbólicas da morte (séculos II e III d.C.)*. En: SILVA, S. C.; ANTIQUEIRA, M.(orgs.). *Império Romano no Século III: crises, transformações e mutações*. São João de Meriti: Desalinho, p. 43-66.
- OMENA, L. M. (2020). *Dimensões espaciais entre morte, memória e experiências emocionais: um estudo de caso à luz do Mausoléu de Augusto*. História (São Paulo), v.39, p. 01-21.

- OMENA-FUNARI (2021). Experiência social da morte em fragmento de sarcófago infantil: cortejo de cupidos dionisiacos em isola sacra - século II d.C. *Revista de Estudos de Cultura, São Cristóvão (SE)*, v. 7, n. 18, p. 77-92, Jan. Jun.
- OMENA-FUNARI (2016). Tecendo o fio entre memória e morte à luz do tumulus de Otávio Augusto. En: OMENA-FUNARI. *Práticas funerárias no Mediterrâneo romano*. Jundiaí, SP: Paco, p. 65-104.
- PATERSON, J. (2007). Friends in high places: the creation of the court of the Roman emperor. En: SPAWFORTH, A. J. S. *The Court and Court Society in Ancient Monarchies*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PITA, L. F. D. (2010). *Visões da identidade romana em Cícero e Sêneca*. 227f. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- PORCARI, B. (2015). Campo Marzio settentrionale. Un nuovo monumento funerario da via Tomacelli. En: Filippi, F. *Campo Marzio: Nuove Ricerche Atti del Seminario di Studi sul Campo Marzio*. Roma: Edizioni Quasar di Severino Tognon, p. 453-472.
- PRYZWANSKY, M. M. (2008). *Feminine imperial ideals in the caesars of Suetonius*. Duke: Department of Classical Studies (Dissertation submitted in partial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy in the Department of Classical Studies in the Graduate School of Duke University).
- RAWSON, B. (1966) Family Life among the Lower Classes at Rome in the First Two Centuries of the Empire. *Classical Philology*, 61, p. 71-83.
- RAWSON, B. (1974) Roman Concubinage and Other De Facto Marriages. *Transactions of the American Philological Association*, 104, p. 279-305.
- RAWSON, B. (ed.) *The Family in Ancient Rome: New Perspectives*. London, Sydney, Ithaca: Cornell University Press, 1987.
- RAWSON, B. The iconography of Roman Childhood. En: RAWSON-WEAVER (eds.). *The roman in family: status, sentiment, space*. Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 205-232.
- ROLLER, M. B. (2001). *Constructing Autocracy: Aristocrats and Emperors in Julio-Claudian Rome*. Princeton: Princeton University Press.
- SAÉZ, E. R. (2016). *El Mausoleo de Augusto el ocaso del esplendor convertido en ruina*. Madrid: Historia del Arte.
- SALLER, R. P. (2002). *Patronage Under Early Empire*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SCHEID, J. (2007a). Augustus and roman religion. En: GALINSKY, Karl. (Ed.). *The Age of Augustus*. New York: Cambridge University Press, p. 175-193.
- SHAWA, J. (2013). The Public Life of Monuments: The Summi Viri of the Forum of Augustus. *American Journal of Archaeology*, Vol. 117, No. 1, pp. 83-110.
- SMITH, C. J. (2006). *The Roman Clan: The Gens from Ancient Ideology to Modern Anthropology*. Cambridge: The Cambridge University Press.
- STRONG, A. K. (2016). *Prostitutes and Matrons in the Roman World*. Cambridge: Cambridge University Press.
- TADIC-GILLOTEAUX, N. (1963). Sênèque face au suicide. *L'Antiquité Classique*, n. 32, p. 541-551.
- TILLEY, C. (2008). Phenomenological Approaches to Landscape Archaeology. En: DAVID-THOMAS (Eds.). *Handbook of Landscape Archaeology*. Walnut Creek: Left Coast Press, p. 271-276.

TREGGIARI, S. (1991). *Roman Marriage: Iusti Coniuges from the Time of Cicero to the Time of Ulpian*. Oxford: Clarendon Press.

TUAN, YI-FU (1983). *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL.

VIASINO, G. (1979). *Studia Annaeana II. Vichiana*, n. 8, p. 168–196.

WILLIAMS, H. (2016). Firing the imagination: cremation in the museum. En: WILLIAMS-GILES. *Archaeologists and the Dead. Mortuary archaeology in Contemporary society*. Oxford: Oxford University Press, p. 293-329.

WILLIAMS-GILES. (2004). Death warmed up. The agency of bodies and bones in early Anglo-Saxon cremation rites. *Journal of Material Culture*, London, Thousand Oaks, CA and New Delhi, 9(3), p. 263–291.

WINTERLING, A. (1999). *Aula Caesaris: Studien zur Institutionalisierung des römischen Kaiserhofes in der Zeit von Augustus bis Commodus*, v. 31, Chr.-192 n. Chr. München: R. Oldenbourg Verlag, p. 193-205.